

## **PRÁTICAS MUSICAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS: uma experiência de formação continuada de professores numa escola rural**

Mirza M. Cury Diniz de Freitas\*  
Célia Maria de Castro Almeida\*\*

### **Introdução e Justificativa**

No município de Campo Florido (MG) localiza-se o Assentamento Nova Santo Inácio e Ranchinho, onde funciona a Escola Municipal Santa Terezinha, com cinco classes: uma de educação infantil e as demais de 1ª. à 4ª. série do ensino fundamental. A pesquisa a ser aqui relatada desenvolve-se neste assentamento e enfoca as práticas musicais de um grupo de mulheres que nele vivem, bem como práticas educativas de professores/as da escola nele localizada.

A pesquisa tem dois objetivos: resgatar e inventariar práticas musicais encontradas entre as mulheres do assentamento e difundir esse repertório musical na Escola Santa Terezinha.

Tais objetivos, por sua vez, estão fundados em dois pressupostos. O primeiro, é o entendimento de que no fazer artístico homens e mulheres representam a sua prática cultural e social, acionando e desenvolvendo os seus modos de operacionalização técnica, de representação imaginativa, sua criatividade e expressividade. O segundo pressuposto é o de que a inserção no currículo escolar de práticas culturais presentes na comunidade onde se localiza a escola poderá contribuir para desenvolver a auto-estima dos escolares e fortalecer sua identidade cultural.

Assim, entendendo que o currículo escolar e as práticas educativas devem levar em conta as experiências cotidianas das crianças que freqüentam a escola, a pesquisa dá especial atenção às práticas culturais vivenciadas por elas na família e na comunidade, a fim de estabelecer uma interação constante entre os conhecimentos escolares e os saberes, valores e práticas da vida cotidiana.

### **Fundamentação teórica**

A pesquisa em questão fundamenta-se nas propostas de educação intercultural que, nos últimos anos, têm recebido grande atenção dos educadores.

Os indivíduos e os grupos culturais aos quais pertencem possuem diferentes e complexas características. Compreender esta diversidade cultural é condição primeira para quem pretende realizar uma atividade educacional consciente.

A educação intercultural é uma resposta ao pluralismo cultural, necessária a uma sociedade que se deseje mais compreensiva e humanitária.

Vários autores - entre eles Peter MacLaren (2000; 1997), Petronilha Gonçalves e Silva (1998), Tomas Tadeu da Silva (1999), Ana Lúcia Valente (1991) e Vera Candau (1999; 1998) – afirmam ser preciso rejeitar as concepções universais de educação e ressaltar as diferenças como construções históricas e culturais, considerando a diversidade não como um problema, mas como um recurso para a educação.

Num contexto de globalização crescente, faz-se necessária uma educação que respeite a diversidade cultural e que entenda a escola como um espaço de troca, de diálogo e de descoberta. Não é, entretanto, o que ocorre na maioria de nossas escolas. Nelas, através de uma ação homogeneizadora a educação escolar tem ignorado ou calado, com freqüência, as diferenças e desigualdades dos seus alunos/as.

No Brasil o debate sobre a educação intercultural vem assumindo importância cada vez maior, principalmente a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), que incluem a pluralidade

cultural como um dos temas transversais a serem trabalhados no currículo escolar. Exige-se, hoje, uma educação que questione os conhecimentos homogeneizadores e que valorize a pluralidade cultural como possibilidade de superar estereótipos, preconceitos e a hierarquização cultural. Numa perspectiva crítica, questiona-se relações de poder estabelecidas no processo educativo, que legitima valores, conhecimentos e práticas de certas culturas, em detrimento de outras.

Fernando Hernández e Montserat Ventura (1998), entre outros, nos ensinam que os conteúdos escolares são socialmente construídos e, portanto, não podem ser entendidos como objetos estáveis e universais, mas devem ser permanentemente reconstruídos na sala de aula por professores/as e alunos/as.

Sabemos, também, que a construção de uma cidadania fundada na solidariedade, na diversidade, no sincretismo cultural e na discrepância depende do reconhecimento e respeito às diferentes formas de conhecer, sentir e agir. Logo, como diz Jean-Claude Forquin (1993), a escola deve buscar a aproximação entre os conteúdos escolares e as experiências da vida cotidiana dos alunos.

De acordo com Agnes Heller (2000) a vida cotidiana é heterogênea, pois abrange a organização do trabalho e todas as práticas da vida privada. A família é o grupo social onde se iniciam as primeiras relações com o cotidiano, e a escola o primeiro grupo social onde as crianças tomam contato com o não cotidiano. É necessário, então, que o processo educativo faça a mediação entre os conhecimentos escolares e as práticas e saberes da vida cotidiana.

O indivíduo é simultaneamente ser particular e ser genérico. Para abranger o individual e o coletivo a educação intercultural deve procurar nortear-se pelas categorias de identidade nacional e pluralidade cultural, construindo propostas que considerem efetivamente a complexidade cultural de nosso país. Infelizmente ainda existe muita confusão sobre o que vem a ser uma educação intercultural, confundindo-se a diversidade cultural com estereótipos e exotismos.

A pesquisa aqui relatada está fundamentada em autores que procuram desnaturalizar discursos de identidade nacional que excluem vozes culturais não-dominantes de sua história, ou que tratam da diversidade cultural de forma estática e homogeneizadora, ignorando o dinamismo, a hibridização cultural e os mecanismos discriminatórios que legitimam e valorizam os diversos padrões sócio-culturais.

### **Metodologia da pesquisa**

A pesquisa combina investigação e intervenção. Nela o ambiente natural em seus aspectos físicos e sócio-culturais é tomado como fonte direta de dados, coletados pelas próprias pesquisadoras. Nesta recolha de dados buscamos respeitar e valorizar os “sentidos” que as pessoas dão às coisas e a suas vidas.

Tratando-se de pesquisa qualitativa, a preocupação com o processo de investigação é maior do que com o produto, pois não existia nenhuma intenção de se comprovar hipóteses previamente elaboradas. Pela mesma razão novas questões foram incorporadas à pesquisa durante o seu desenvolvimento.

A pesquisa é desenvolvida em dois eixos. No primeiro, onde se focaliza o repertório musical de mulheres que vivem no assentamento, os procedimentos de pesquisa foram ancorados na metodologia da pesquisa etnográfica, já que o que se pretendia era uma descrição e análise etnográfica das práticas musicais de um grupo de mulheres. Neste eixo os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas e de observação, sendo o seu registro feito através de gravações em áudio e de fotografias e anotações em diário de campo. Foram entrevistadas 25 mulheres, inicialmente as que integravam um grupo que se reunia para produzir bordados, trançados, crochê e outros trabalhos manuais; posteriormente foram entrevistadas outras mulheres, por indicação das primeiras.

O segundo eixo da pesquisa – em andamento – enfoca a Escola Municipal Santa Terezinha e seus atores: diretora, professores/as e alunos/as.

A pesquisa intenta, no seu segundo eixo, integrar aos conteúdos escolares as canções recolhidas entre as mulheres do assentamento, de modo a aproximar o processo educativo da vida cotidiana dos alunos/as que freqüentam esta escola.

### Resultados Parciais

As entrevistas com as mulheres do assentamento foram realizadas ao longo do ano 2002. Foram entrevistadas 25 mulheres, com idade entre 60 e 80 anos, a maioria migrante do Nordeste.

Surpreendeu-nos o entusiasmo com que algumas mulheres externaram sua alegria em buscar na memória as canções da infância ou mocidade. Por outro lado, surpreendeu-nos, também, o fato de que poucas foram as mulheres detentoras de um repertório musical tradicional, o que contrariou nossas expectativas iniciais. Algumas afirmaram que, apesar de gostarem de música, tinham abandonado o hábito de cantar dadas as dificuldades da vida, que lhes impor um árduo trabalho cotidiano. Outras relataram que a música nunca fez parte de suas vidas, pois trabalhavam desde crianças e, por isso, não tinham tido tempo para cantar ou brincar. Muitas afirmaram que as brincadeiras e os cantos de hoje mudaram, e que as crianças gostam mesmo é de ver televisão.

Dentre as canções recolhidas, a maioria pertence ao repertório tradicional de canções infantis, já bastante conhecido: *Fui no Itororó, O cravo brigou com a rosa, Atirei um pau no gato, Ciranda Cirandinha, Nana nenê* etc., cantadas por quase todas, com algumas pequenas variações na letra e/ou melodia.

A religiosidade é um sentimento forte e presente em muitas das lembranças musicais das mulheres entrevistadas, inclusive em canções não religiosas, como *A canoa do Tomás, Roxo apaixonado, A mulher de preto, Lençol, lençol, Lenço Yayá e A mulher da janela*. Alguns hinos religiosos, também foram recolhidos, como *Hino de São Sebastião, Hino de São João, Pai Nosso* e cantos que integram a Folia de Reis.

Além dos diferentes gêneros de canções, várias brincadeiras também foram recolhidas, como: *Três marinheiros, Caiu no poço, Banana e tomate*, além de quadrinhas diversas.

Os dados recolhidos até o momento nos levaram a formular novas questões, que ainda necessitam ser investigadas: Por que as mulheres que vivem no assentamento aboliram da vida adulta as práticas musicais da infância e mocidade? Por que não cantam as canções de sua infância para os seus filhos e netos?

Em relação às práticas educativas pretendemos investigar formas de valorizar e relacionar aos conteúdos escolares as experiências vivenciadas pelas crianças na família e na comunidade, com o objetivo de valorizar e fortalecer a identidade cultural do grupo e, assim, propiciar condições para o exercício pleno da cidadania. Sem deixar de considerar a complexidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais que interferem na vida da comunidade, pretende-se trabalhar junto aos professores/as da escola Santa Terezinha para a construção de novas práticas educativas, sensíveis às diferentes visões de mundo, valores, conceitos, conhecimentos e práticas culturais, visando a adequação do currículo escolar às condições de vida dos assentados.

### Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e cultura(s): encontros e desencontros. In: ANPED, 22, 199, Caxambu (MG). CD ROM, 1999.

\_\_\_\_\_. **Interculturalidade e educação escolar**. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 9., 1998, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia, 1998. v. 1/1, p.178-188.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GONÇALVES, L. A. O. e GONÇALVES e SILVA, Petronilha B. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo Revolucionário**. Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Tomás Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VALENTE, Ana Lúcia F. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. Resenha. Cadernos de Pesquisa, n.107, p. 247-251, jul., 1991.

---

\* Professora da Fundação Educacional de Ituiutaba e aluna do Mestrado em Educação: formação de professores, da Universidade de Uberaba.

\*\* Professora do Mestrado em Educação: formação de professores, da Universidade de Uberaba.